

Postura do Professor e Atuação Didática para uma Aprendizagem Significativa

Ana Alice Rodrigues de Sousa¹; Joelson Rodrigues Miguel²

Resumo: O presente estudo objetivou uma discussão sobre a Postura do Professor e Atuação Didática para uma Aprendizagem Significativa. A metodologia consistiu em revisão integrativa com os seguintes aportes teóricos de autores como: Lerner (2002), Dahan (2012), Freire (2018), Freire (2016), Freire (1993), Freire (1996), Freire (1979), Soares (2018), Riolfi (2014), Candau (2014), Gadotti (2007), Borges (2005) e demais pesquisadores, educadores e profissionais que atuam e defendem uma melhoria tanto para a educação na zona rural, quanto nos métodos e metodologias utilizadas nas salas de ensino multisseriadas. Os resultados parecem indicar que cabe ao professor a tarefa de buscar recursos pedagógicos que impliquem em instigar no aluno, o comportamento crítico e indagador. Proporcionar sempre nas situações de sala de aula, grupos de discussões e outras ferramentas didáticas que estimulem o protagonismo dos alunos para questionar e buscar soluções criativas do tipo "... e se?...". Estas criam oportunidades para levar os alunos a aprenderem a aprender e não, a repetir respostas prontas do livro didático.

Palavras-chave: Aprendizagem; Atuação didática; Aprendizagem significativa.

Teacher's Posture and Teaching Practice for Meaningful Learning

Abstract: The present study aimed to discuss the Teacher's Posture and Didactic Performance for Meaningful Learning. The methodology consisted of an integrative review with the following theoretical contributions from authors such as: Freire (1979, 1993 and 1996), Gadotti (2007), Freire (2016), Borges (2005); Candau (2014); Carvalho (2006) and Riolfi (2014) and other researchers, educators and professionals who work and advocate an improvement both for education in the rural area, as well as in the methods and methodologies used in multigrade teaching rooms. The results seem to indicate that it is up to the teacher to find pedagogical resources that imply instigating critical and questioning behavior in the student. Always provide in classroom situations, groups of discussions and other teaching tools that encourage the role of students to question and seek creative solutions such as "... what if? ...". These create opportunities to lead students to learn to learn and not to repeat ready-made textbook responses.

Keywords: Learning; Didactic performance; Meaningful learning.

¹ Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará. Especialista em sociologia pela PUC-MG e em Educação Profissional e Tecnológica, com Ênfase na Gestão pela Faculdade SEAMA no Estado do Amapá. Mestrado Em Educação pela Florida Christian University, Orlando, Florida - USA.

² Doutorado em Ciências da Educação pela Universidade Autónoma de Asunción – PY. Pós-Doutorado pela Universidade Autónoma de Asunción – PY. Pós-Doutorando pela Florida Christian University. Participa dos programas de Educação EAD, Education Without Borders Program. Orientador de Dissertações e Teses pela Florida Christian University. Autor correspondente: joelsonrmiguel@hotmail.com.

Introdução

Este estudo discute a postura do professor e atuação didática para uma aprendizagem significativa, trazendo reflexões sobre os principais fatores que influenciam o processo de aquisição de uma leitura mais crítica através de novas práticas metodológicas associadas a cooperação da família.

Ainda que a escola tenha um papel fundamental no processo de desenvolvimento da leitura e da escrita, ela parece não tem conseguido fazer com que todos os alunos sejam leitores e escritores críticos. Uma preocupação constante dos educadores, é a pouca participação da família nas atividades de seus filhos na escola.

Há uma necessidade de cada vez mais, se refletir sobre como os sujeitos aprendem, buscando um ensino focado na personalização da aprendizagem, pois entende-se que o mais importante não é como se ensina, mas sim, como os alunos aprendem.

A metodologia consistiu de uma revisão integrativa da literatura com ênfase nos trabalhos dos seguintes autores: A investigação se sustenta no aporte teórico de Lerner (2002), destacando a importância da concepção das relações entre a linguagem, escola e sociedade, para a fundamentação de uma prática de ensino significativa para a leitura e escrita; Dahan (2012) revelando a lógica oculta da ortografia, descreve uma pesquisa pioneira sobre os neurônios da leitura, como são processadas as línguas e o sistemas de linguagem e reforça a capacidade de que o cérebro tem de se adaptar; Freire (2018), apresentando uma breve reflexão sobre a formação do professor mediador e o desenvolvimento de práticas na escola; Soares (2018), versando sobre metodologia pedagógica no ambiente de ensino formal; Riolfi (2014), explicitando sobre a alfabetização cidadã, para os direitos civis e o educando sendo partícipe da sociedade.

A pesquisa evidencia a importância das habilidades de leitura e escrita para o contexto social atual, e a necessidade de uma profunda mudança para sua aquisição num ambiente que estimula a criticidade, não apenas a técnica em si.

Tem-se demonstrado, perante as baixas notas do IDEB, um resultado preocupante. A taxa de analfabetismo no Brasil ainda é alta, de acordo com os resultados divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em junho de 2019. Segundo o IBGE, há pelo menos 11,3 milhões de pessoas com mais de 15 anos analfabeta. Os índices quando são evidenciados, há importantes decisões e iniciativas que devem ser adotadas com base no

conhecimento, e no domínio das técnicas para promover a aquisição de habilidades de leitura e escrita, em qualquer área de conhecimento de trabalho.

Portanto, as práticas escolares caminham para construção de uma cultura própria, específica e ativa. É por isso que ela se torna palco de discursões acadêmicas e investigativas, como se fosse uma extensão da família.

Postura do Professor e Atuação Didática para uma Aprendizagem Significativa

No contexto mundial, por meio dos recursos tecnológicos de comunicação, observa-se que nos mais variados cantos do mundo, usa-se inúmeras práticas educacionais, por meio de uma ciência já devidamente comprovada que dão o compasso de andamento numa sociedade. Baseadas nas manifestações de cada século, na produção consciente de obras, formas ou objetos voltados para a concretização de um ideal harmônico ou para a expressão da subjetividade humana.

Segundo Camargo e Daros (2018):

A complexidade crescente no âmbito mundial, nacional e local tem demandado o desenvolvimento de capacidade humana cada vez mais amplas e profundas e, ao ingressar na educação básica ou no ensino superior, é preciso ajudar o aluno a compreender seu papel, o do professor e o da instituição (CAMARGO; DAROS, 2018, p. 21).

O talento, a contribuição própria da inteligência e da sensibilidade do desenvolvimento, com o olhar na cidadania contextualizada por Giovani e Marin (2016), nas conotações que são devidamente nomenclaturas em cada século, para termos como nomear cada manifestação, que sempre passam pela instituição ‘escola’. Na premissa em que se tem vários dons para darmos distinção a tais meios e modos, e desde muito passando por mudanças no contexto educacional, é que a mesma é reinventada no decorrer do tempo, assim bem como os recursos utilizados pela tal, que partindo de uma da vertente da interdisciplinaridade que em tela, não se ver uma definição assertiva, que nos eleve a pontos diferentes das disciplinas que estão em torno da educação, uma vez que a de relevância e consideração.

Segundo Giovani e Marin (2016):

Assim, prática e tradições podem ser entendidas como instrumento de continuidade, mas também de renovação, diante de novas condições e necessidades sociais e culturais. Prática docente, então, não é reprodução passiva da formação profissional ou das normas oficiais—ações são constituídas nas redes de relações e no envolvimento dos agentes – sua história, sua formação, seus hábitos. Na perspectiva de sua construção coletiva, nas redes de relações, criam-se práticas como hábitos

compartilhados, em que as pessoas se reconhecem no que compartilham, na sua cultura comum. São exemplos de práticas: as rotinas pedagógicas, os modos de relacionar-se com os alunos e com as famílias, as formas da administração relacionar-se com os subordinados, os estilos profissionais, de acordo com os níveis de ensino ou por especializações dos professores, a organização escolar, com toda a sua cultura e forma de atuar etc. (GIOVANNI; MARIN, 2016, p.15, 16).

Todo processo de formação de educadores-especialistas e professores, exige do profissional a prática pedagógica. A didática é essencial para o ambiente educacional, pois é vista de forma destacada dentro do conjunto educacional e merece a devida relação dialógica.

Esta tem sido colocada no palco das discussões nos meios da educação nos seguintes termos de acordo com Candau (2014, p.13), “Exaltada ou negada, didática como reflexão sistemática e busca alternativas para os problemas da prática pedagógica, está certamente, no momento atual colocada em questão.” Desta forma, observa-se a importância da mesma no contexto escolar.

Por outro lado, a prática pedagógica é algo de tão profunda relevância que é tratada de maneira distinta e abrangente. Ela se destaca na vida do professor como algo que ultrapassa a didática. Neste sentido, a prática pedagógica, é algo que vai muito além da didática, pois, envolve as circunstâncias da formação, os espaço-tempo escolares, as opções da organização do trabalho do docente as parcerias e as expectativas dos docentes.

Sendo assim, as práticas dos docentes estão imbuídas na sua vida profissional e na sua formação, além desses processos, inclui também os aspectos sociais, culturais e políticos. Elas abrangem uma enorme complexidade na formação do professor. Requer também responsabilidade e compromisso com a sociedade.

Segundo Diane Freire (2016):

Sem formação, o professor pode se sentir frustrado, impotente e despreparado diante das novas tecnologias; consequentemente esses sentimentos interferem no processo de ensino-aprendizagem, fazendo com que não desenvolvem aprendizagens necessárias para sua atuação na sociedade. Entretanto, para alterarmos esse quadro, os professores precisam se sentir incomodados e incompletos para buscarem mudança e transformarem sua prática docente em práxis (FREIRE, 2016, p. 52).

O professor é visto como um ser dinâmico, um ser social, isto é, dentro do seu mundo de relações sociais, vivenciando sua realidade, e cumprindo socialmente o seu trabalho. O conhecimento do professor é construído no seu dia a dia, pois o mesmo não pode ser considerado exclusivamente da escola. Ele também é proveniente de outras áreas, e muitas vezes exclui de suas práticas pedagógicas elementos que fazem parte de seu cotidiano na escola.

As práticas e saberes podem ser observados no cotidiano do docente, e tudo isso é resultado da apropriação que ele faz das coisas que o rodeiam. Desta forma, a prática é resultado dos conhecimentos históricos e sociais que carrega.

Borges (2005) enfatiza que:

A prática pedagógica é uma atividade complexa e dinâmica, que se efetiva num ambiente social particular, formalmente responsável pela educação do aluno, para atender à demanda do contexto atual, deve ser organizada de modo que possibilite a formação de um cidadão crítico, capaz de lidar, conscientemente, com a realidade científica e tecnológica na qual está inserido (BORGES, 2005, p. 23).

Como se observa, essa ligação entre o cotidiano e o contexto escolar, podem e devem ser inseridas de forma suave e contínua durante as aulas do professor, para que o aluno possa perceber o conteúdo de forma mais integrada e realista. A apropriação registrada por Gadotti (2007) é uma atitude mútua entre sujeitos e as diversas esferas de interações sociais. Só que se diferencia de sujeito para sujeito, eles se apropriam de diferentes coisas em função de seus interesses, valores, princípios, credos etc. Isto é, caracterizado através das ações comportamentais dos professores, cada um segue propostas pedagógicas distintas, refletindo e analisando suas histórias.

Ainda de acordo com Gadotti (2007):

Articular o conhecimento com a prática e outros saberes neste contexto de impregnação da informação, o professor é muito mais um mediador do conhecimento, um problematizador. O aluno precisa construir e reconstruir o conhecimento do que faz. Para isso, o professor também precisa ser curioso, buscar sentido para o que faz e apontar novos sentidos para o fazer dos seus alunos. Ele deixará de ser um lecionador para ser um organizador do conhecimento e da aprendizagem. Poderíamos dizer que o professor se tornou um aprendiz permanente, um cooperador, e, sobretudo, um organizador da aprendizagem (GADOTTI, 2007, p. 13).

Portanto, o professor se utilizará de todas as suas habilidades e conhecimentos para não apenas estimular a curiosidade do aluno, mas também estimular o seu engajamento de forma contínua. É notório também que o professor não pode ir para uma sala de aula sem planejar, pois, isso, é uma responsabilidade que o mesmo assume com os seus alunos. Alguns professores se sentem desconfortáveis quando não planejam, até deixam de ir para sala de aula se suas ações não estão planejadas. Para isso, muitos usam tempos que não constam em sua carga horária para planejamento, alguns planejam em casa e sem ser remunerado. Isto demonstra o compromisso e responsabilidade que o professor tem com a qualidade do seu trabalho.

Segundo Diane Freire (2016):

A atuação docente possui um antes e um depois que são fundamentais para a prática pedagógica, ainda mais envolvendo um novo recurso, nesse caso a interação da

internet. Nos processos educacionais, o planejamento e a avaliação são uma parte inseparável da atuação docente. A aprendizagem, foco de todo trabalho pedagógico, dependem de facilitadores e relações interativa que são função do professor (FREIRE, 2016, p. 57).

Todas as experiências adquiridas através de suas práticas e saberes, de sua formação tanto inicial e continuada, servem de base para as suas ações na sala de aula. Sabemos que muitas formações continuadas não levam em consideração as especificidades das escolas e suas realidades. Portanto, professores desenvolvem suas práticas pedagógicas a partir de suas experiências na sala ou nas escolas, trabalham e vivenciam com seus alunos as habilidades socioemocionais.

Neste sentido, Barr (2016) afirma:

As habilidades socioemocionais/resiliência são desenvolvidas de forma gradativa ao longo dos encontros, enfatizando desde o reconhecimento de emoções em si e nos outros, manejo das emoções, treino de habilidades sociais e empáticas até resolução de problemas e conflitos. FRIENDS ensina estratégias cognitivas, comportamentais e fisiológicas que auxiliam crianças e jovens a enfrentar e manejar o estresse e as preocupações. Esse conjunto de habilidades para a vida, também chamado de habilidades não cognitivas, tem sido negligenciado ou, quando muito, ensinado de forma não sistematizada no ensino brasileiro, muito embora as neurociências tenham demonstrado a importância direta desses fatores para a aprendizagem (BARR, 2016, p.97).

O professor deve estimular a participação do aluno na sala de aula, para que ele corresponda o incentivo, criado pelo professor. Porém, sabemos que estudar nem sempre é agradável e que as crianças acabam percebendo isso, uma vez que dentro de ensinamento do seio educacional não se pode descartar a conjectura Freiriana, que emana a manifestação de como militar na construção da educação, partindo assim de um ponto simples que é comum para o educando, caracterização a partir da interpretação que parte através das buscas das ações, como palavras ou pelas produções imaginárias, fazendo assim a análise do autoconhecimento, convindo que se tem uma nova expressão do ensino. Pois, existe muitos tipos de expressões, nos mais variados seios das sociedades, partindo de que o Brasil é continental, mas que de norte a sul tem vários mestros (professores) que estão na ponta da lança da educação brasileira. Portanto, o educador pode promover estratégias adequadas de intervenções pedagógicas, que promovam o interesse e o envolvimento dos educandos na contextualização do caminho quanto ao aprender.

Segundo Freire (1993):

Aprender e ensinar fazem parte da existência humana, histórica e social, como dela fazem parte a criação, a invenção, a linguagem, amor, o ódio, o espanto, o medo, o desejo, a atração pelo risco, a fé, a dúvida, a curiosidade, a arte, a magia, a ciência, a

tecnologia. E ensinar e aprender cortando todas essas atividades humanas (FREIRE, 1993, p. 19).

Seria impossível um ser totalmente fragmentado, porque à medida que transformamos ou reinventamos, acabamos nos tornando verdadeiros aprendizes. Seria impossível um ser programado para aprender, inacabado, totalmente consciente do inacabamento, por isso deve estar em constantes busca do conhecimento com os outros, assim seria o seu processo de formação.

Portanto, a educação é uma formação permanente e infinita. O ser humano jamais para de educar-se, ele está em constante busca. Para Freire (1979, p. 28) "A educação, portanto, implica uma busca realizada por um sujeito que é o homem. O homem deve ser sujeito de sua própria educação". Entende-se que educar-se significa embeber-se, encharcar-se de conhecimento em todas as nossas ações e atitudes do nosso dia a dia. Só que há diferença de sujeito para sujeito, eles se apropriam de diferentes coisas em função de seus conhecimentos, que está no ato de aprender, todavia o que é o aprender?

Segundo Amaral (2007):

Aprender é uma ação que desenvolvemos desde o início de nossa vida. Ainda muito cedo, aprendemos a andar, a falar; aprendemos a nos relacionar com a família, com amigos, com pessoas estranhas; aprendemos a respeitar pessoas e instituições; aprendemos a nos comportar de acordo com as circunstâncias. E aprendemos de maneira formal na escola. Outros comportamentos e atitudes, entretanto, não precisamos aprender. É como se já nascêssemos sabendo. Por exemplo, não precisamos aprender a comer ou ninguém nunca nos ensinou que nosso corpo precisa de descanso. Há, ainda, um conjunto de conhecimentos dos quais não temos muita ideia de como, quando ou onde aprendemos. Por exemplo, quando olhamos para o céu e vemos nuvens escuras e pesadas, logo inferimos que irá chover (AMARAL, 2007, p. 07).

Neste processo, a escola serve de palco de discursões e interpretações, permitindo terrorizá-la em buscas de respostas para compreensão de seu papel no contexto que está inserida. Em suas práticas educacionais do dia a dia, tornando-se um lugar de relações interpessoais, por meio dos processos de ensino-aprendizagem, essas relações acontecem entre coordenação, corpo docente, discentes e corpo de apoio, criando indagações sobre o real papel da escola na sociedade.

Vale enfatizar que o ambiente adequado para uma educação democrática não pode ser autoritário, os professores devem privilegiar ações democráticas, abertas e transparentes, uma vez que a peça fundamental para a vida moral se encontra na aprendizagem e no desenvolvimento dialógico, para isto deve-se ressaltar que o aprender e o desenvolver passa pelo exercício cerebral que é o HD do corpo humano.

Segundo Dehaene (2012):

A questão das bases cerebrais dos objetos culturais tais como a leitura não seria, pois, pertinente: liberado dos entraves da biologia, o cérebro humano, diferentemente do de outras espécies animais, seria capaz de absorver toda forma de cultura, fosse qual fosse sua variação. O que pretendo mostrar aqui é a que ponto os dados recentes da imagem cerebral e da neuropsicologia recusam esse modelo simplista das relações entre o cérebro e a cultura. Examinando a organização cerebral dos circuitos da leitura, veremos a que ponto é falsa a imagem de um cérebro virgem, infinitamente maleável que se contentaria em absorver os dados de seu ambiente cultural. Nosso cérebro é evidentemente capaz de aprendizagem, sem o que não poderia incorporar as regras próprias da escrita latina, japonesa ou árabe. No entanto, esta aprendizagem é limitada (DEHAENE, 2012, p. 20- 21).

O aluno só pode verbalizar o que pensa ou suas emoções, segundo Carneiro, Bertini e Souza (2018), através de suas próprias vivências, do diálogo, discussões, e reflexões do dia a dia, seu cotidiano e relatos de situações concretas, se busca discernir valores e princípios que esclareçam para imaginarmos outras e possíveis questionamentos, argumentação e avaliar causas e consequências das atitudes.

As reflexões são necessárias para que o aluno se coloque no lugar do outro, através da percepção de si mesmo, aprendendo a lidar com os seus sentimentos e decidir o que realmente é importante para ele, sem perder em vista a importância das relações humanas. Aqui cabe o educador o seu posicionamento para um bom encaminhamento das atividades, criando um ambiente favorável ao debate na sala de aula, em que todos possam participar e expor suas opiniões ou ações de contestação, sobre um tema ou assunto direcionado pela maioria.

Segundo Carneiro, Bertini e Souza (2018):

[...] prática pedagógica está centrada no ensino e aprendizagem dessa área do conhecimento por meio da resolução de problemas, em que os alunos são convidados a produzirem saberes e não a reproduzi-los. É proposto que eles participem ativamente do processo de ensino e aprendizagem. Nessa dinâmica, o professor é elemento decisivo, pois é ele quem escolhe a tarefa e conduz a atividade, sendo responsável pela maneira com que esta será abordada e explorada em sala de aula. Uma prática pedagógica pautada nessa perspectiva modifica o papel do professor que comumente está habituado a abordar conteúdos explicando e dando exemplos de resolução. Com foco nessa perspectiva da prática docente, este texto visa contribuir com os professores e/ou futuros professores em formação que buscam tecer reflexões acerca do ensino [...] (CARNEIRO; BERTINI; SOUZA, 2018, p.16).

Contudo, se houver a manifestação de opinião de certeza do professor, ou de algo que possa iluminar o aluno, correndo o risco de doutrinação por parte do mesmo, então o certo seria a neutralidade do professor. Isso não significa que não pode se manifestar. Sim, nessa circunstância, depende da habilidade do professor, fica claro que poderá participar, trata-se uma ou mais, das demais opiniões acerca do assunto (não acerta ou definitiva). Lembrando sempre que o professor é um facilitador e não um guia.

Ser professor é uma profissão desafiadora, porque o seu trabalho nas escolas é de grande relevância para âmbito da sociedade. Do ponto de vista social, essa valorização requer uma política de carreira e salários dignos para os professores. E por outro ângulo, das condições da própria vida escolar: infraestrutura, materiais didáticos, apoios pedagógicos, respeito ao seu âmbito de ação uma gestão democrática e comprometedora com espírito de cooperação.

Segundo Filipouski (2006):

Logo, tanto quanto os seus alunos, é preciso que o professor se torne sujeito do mundo da leitura e da escrita que organize registros de acompanhamento do processo de construção do conhecimento do seu grupo, que busque textos que acompanham a pluralidade de práticas sociais de leitura, que se preocupe com a preservação da memórias de grupo sociais com os quais interage, isto é, que constitui-se, antes de tudo, em um leitor e autor de sua própria prática pedagógica (FILIPOUSKI, 2006, p. 163).

Desta forma, todo professor precisa ter consciência da sua importância do seu papel como mediador do processo de construção de conhecimento e de que deve orientar e acompanhar seus alunos e conhecê-los, possibilitando uma relação amistosa com eles.

Por outro lado, a família também participa desse processo de aprendizagem, colaborando e despertando nos seus filhos o processo escolar.

Quando o professor não mantém uma relação amigável e favorável com os seus alunos, os conteúdos trabalhados em sala de aula, não terão importância e desta forma, negligenciando os estudos e até prejudicando o aprender do aluno.

De acordo Carvalho (2006, p.9)

Mesmo desanimados pela apatia dos alunos em sala de aula, é necessário lembrar que nossa mediação didática precisa, mais do que nunca, ser inovadora, criativa e rigorosa e, portanto, teoricamente fundamentada.

Precisamos como professores e educadores que somos devemos refletir sobre as nossas atitudes que poderão no futuro gerar consequências drásticas na esfera pedagógica.

Neste contexto escolar, a experiencia pode levar a construção de conhecimentos que permitirá ao aluno a crescer o seu vocabulário linguístico e cultural e apropria-se de conhecimentos e da expressão oral, a leitura, a escrita e reflexão sobre a linguagem.

Lerner (2002) explica:

O desafio é formar praticante da leitura e da escrita e não apenas sujeitos que possam “decifra” o sistema da escrita. É – Já o disse - formar leitores que saberão escolher o material escrito adequado para buscar a solução do problema que devem enfrentar e não os alunos capazes apenas de analisar um texto selecionado por outro. É formar seres humanos críticos, capazes de ler entrelinhas e de assumir uma posição própria frente à mantida, explícita ou implicitamente, pelos autores dos textos com os quais

interagem, em vez de persistir em formar dependentes da letra do texto da autoridade de outros (LERNER, 2002, p. 27-28).

Autor deixa claro que o desafio é formar pessoas desejosas de entrar em outros mundos possíveis que a literatura oferece com coragem e atitude de apreciar e deliciar a qualidade da leitura. E assumir esse desafio é deixar de lado as velhas práticas mecânicas e desprovida de sentido, impedindo as crianças de ler e se afastar, cada vez mais da leitura e por considerá-la uma simples obrigação escola.

Neste contexto atualização do professor se faz necessário, as dificuldades de acesso a livros e revistas especializadas, são raros de ser encontradas e caros- dada a situação econômica do nosso país e em particular o deplorável, panorama profissional dos educadores.

Ramos (2019) acrescenta:

Outro fator que desestimula o ingresso de jovens na carreira do magistério são as condições de trabalho. Uma parte importante de nossas escolas públicas não possui infraestrutura adequada para o trabalho do professor, sem falar nas questões de violência na escola, especialmente naquelas localizadas nas periferias das grandes cidades (RAMOS, 2019, p. 37).

A função social do docente está sofrendo um processo de desvalorização sem precedentes -, os professores lidam com salas super lotadas, condições inadequadas, muito pouco espaços inadequados para discussões de uma tarefa, e salas não climatizadas, deixando o aluno sem vontade para permanecer na sala de aula. Entretanto, a capacitação está longe de ser a panaceia Universal que tanto almejaríamos descobrir.

Segundo Freire (1996):

A formação do professor é um momento fundamental para a crítica sobre a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a prática. O próprio discurso teórico, necessário a reflexão crítica, tem de ser tal modo concreto que quase se confunda com a prática (FREIRE, 1996, p. 44).

Um desafio para escola é conseguir um profissional capaz de fazer muitas coisas com competência com necessária definição de um perfil explícito em relação ao meio social e intelectual.

O papel do docente é de fundamental importância no processo educacional. O professor deverá ser também muito especial, capaz de identificar o potencial de cada aluno, é muito importante para o sucesso da aprendizagem do aluno que se vê o seu professor como um modelo a seguir.

Corroborando Gatti (2019):

Na base destas condições acha-se o domínio de linguagem e o modo de pensar. Portanto, a educação escolar é basilar no mundo contemporâneo, em qualquer das formas em que se apresente, e o trabalho dos professores é essencial nesse cenário. Mas sua formação precisa ser condizente com o papel dessa educação no cenário contemporâneo, com o desenvolvimento de uma consciência crítico-constructiva, com capacidade de compreender e construir soluções diante de situações de dificuldades do aprender, de relacionar-se, de inércia, de desinteresses, de conflitos, de contraposições, etc (GATTI, 2019, p.37).

Neste contexto, os professores são profissionais do ensino. Embora o ensino tenha amplas concepções diferentes e complexas. Sua prática envolve criar ambiências de aprendizagem e produzir formação em valores, atitudes e relações interpessoais, visando criar mecanismo e potencialidades para se viver pacificamente e dignamente. Para Zimring (2010, p. 34) “Assim, a missão do professor é delicada, exigente, representando uma verdadeira e exaltante vocação”. Portanto, no verdadeiro ensino, não existe lugar para autoritarismo e nem para o que se vê nele apenas a exaltação do seu próprio ego. Objetivo do ensino é promover aprendizagem, aquela insaciável curiosidade que leva o adolescente a reter para si tudo o que pode ver, ouvir ou ler. Segundo Riolfi (2014):

Nos dias de atuais, com avanço das tecnologias e a supremacia da lógica de mercado, que passaram a reger nossas atividades, a escrita se transformou em objeto de consumo com valor definido. A tecnologia da palavra impôs o esvaziamento e a previsibilidade na produção de seus sentidos. Vivemos sob os imperativos deter-se aprender a escrever para fazer alguma coisa, para responder a uma demanda de mercado. Com ele sempre veloz, e exige novidade e avanços constantes que impliquem sempre a economia de tempo e dinheiro, escrever tornou-se uma técnica que está na contramão do nosso tempo (RIOLFI, 2014, p. 115).

Como consequência, estamos vivenciando uma situação contraditória, ao mesmo tempo em que “saber escrever” continua sendo merecedor, por exemplo, para galgar um lugar de permanência nos mais variados ramos profissionais, por si só, este ato de escrever, tem permanecido presente nas atividades comum de um jovem. A escrita formal tornou-se uma atividade supérflua. Acrescentam a isso, a forma que o jovem se posiciona em relação “amável” com os grandes escritos da produção literária, o que poderia levá-lo a perceber o valor da escrita por várias formas.

Em função disso, flui o interesse do professor se questionar? Por que ensinamos? Que conhecimento o aluno precisará para escrever um texto, e não um amontoado de palavras soltas no papel? Para Gnerre (1998, p. 3) “Escrever nunca foi e nunca vai ser a mesma coisa que falar”, falar escrever são duas ordens distintas, no uso da aprendizagem linguística.

Esse é um desafio que a escola enfrenta até hoje, e transcende aprendizagem. Assim serão geradas novas possibilidades, para avaliar novas aprendizagem que antes não ocorriam, e para

resolvê-las, antes de mais nada é preciso conhecê-las, e fazer tudo que é possível para alcançar o necessário que apropriação é a leitura e escrita.

Segundo Schwartz (2014):

O aluno precisa refazer um caminho que ainda não fez, sem nenhuma garantia que chegará ao final. A aprendizagem requer uma disjunção com o conhecimento anteriores que só pode realizar com uma base de apoio que permite estabelecer relações (SCHWARTZ, 2014, p 65).

Nesse caso ativação do conhecimento prévio não se refere apenas não significa que o professor pergunte ao aluno, o que ele sabe do conteúdo e o que prefere estudar. Ativar o conhecimento significa instigar o aluno a pensar, e construir novos conhecimentos e/ ou diferentes.

Considerações finais

Conforme o exposto, é o conhecimento adquirido pelo indivíduo, normalmente através de uma orientação estruturada, onde o sujeito precisa ter um papel ativo para que ocorra sua ser compreendida como um rol de instruções e nem estar apenas circunscrita à ação da escola.

Embora haja uma ênfase dada a situações da sala de aula, onde os alunos são instruídos pelo professor, ainda é comum o aluno receber o conhecimento do professor como uma verdade absoluta.

Sabemos que a educação é a busca da verdade, proporcionando ao indivíduo a buscar essa verdade, se libertando intelectualmente quando há o espaço para dúvida e a construção do conhecimento. Assim entendemos que a garantia do acesso ao conhecimento que não desafia e nem trás dúvida como algo impulsionador para o saber. Não é o conhecimento em si que nos liberta, mas a maneira como lidamos e construímos o conhecimento.

Portanto cabe ao professor a tarefa de buscar recursos pedagógicos que impliquem em instigar no aluno, o comportamento crítico e indagador. Proporcionar sempre nas situações de sala de aula, grupos de discussões e outras ferramentas didáticas que estimulem o protagonismo dos alunos para questionar e buscar soluções criativas do tipo “... e se?...”. Estas criam oportunidades para levar os alunos a aprenderem a aprender e não, a repetir respostas prontas do livro didático.

Referências

AMARAL, Vera Lúcia do. **Psicologia da educação**. Natal, RN: EDUFRN, 2007.

BARR, Marcia. **Neurociências e Educação na Primeira Infância**: progressos e obstáculos. Brasília; Senado Federal; Comissão de Valorização da Primeira Infância e Cultura da Paz, 2016.

BORGES, Evelyse Lemos. **A gestão pedagógica e o desempenho escolar/Secretaria de Educação Básica do Ceará-Fortaleza**. Edições SEDUC, 2005.

CANDAU, Vera Maria. **A didática em Questão**. 36 - ed. - Petrópolis, RJ, 2014.

CARMAGO, Fausto. DAROS, Thuinie. **A sala de aula inovadora**. Porto Alegre. Penso, 2018.

CARNEIRO; Reginaldo Fernando; BERTINI, Luciane de Fátima; SOUZA, Antônio Carlos de. **A Matemática nos anos iniciais do ensino fundamental** [livro eletrônico]: práticas de sala de aula e de formação de professores. Brasília - DF: SBEM, 2018.

CARVALHO, Maria Angélica Freire de, MENDONÇA, Rosa Helena (org.), - **Práticas de leitura e escrita**. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

DEHAENE, Stanislas. **Os neurônios da leitura**: como a ciência explica a nossa capacidade de ler. Tradução: Leonor Scliar-Cabral. Porto Alegre: Penso, 2012.

FILIPOUSKI, Ana Maria Ribeiro: **Prática de leitura e escrita**: Leitor e formadores de leitores. Maria Angélica Freire de Carvalho, Rosa Helena Mendonça (org.). Brasília: Ministério da Educação, 2006.

FREIRE, Diane Mota Mello. **Net leitura e net escrita nas séries iniciais**: novas possibilidades pedagógicas. 1 ed. São Paulo: Artesanato educacional, 2016.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 29ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

_____. **Política e educação**. São Paulo: Cortez, 1993.

_____. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessário à prática educação. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1996.

GADOTTI, Moacir: **Paulo Freire e a Paixão de Ensinar**. – 1. ed – São Paulo: Publisher Brasil, 2007.

GATTI, Bernadete Angelina. **Professores do Brasil**: novos cenários de formação. Brasília: UNESCO, 2019.

GIOVANNI, Luciana Maria; MARIN, Alda Junqueira. **Práticas e saberes docentes**: os anos iniciais em foco [recurso eletrônico]. 1ª. ed. Araraquara - SP: Junqueira&Marin, 2016.

GNERRE, M. **Linguagem, Escrita e poder**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes. 1998.

LERNER, Delia. **Ler e Escrever na Escola**: O possível e o necessário; tradução Ernani Rosa – Porto Alegre: Artmed, 2002.

RAMOS, Mozart Neves. **Sem Educação Não Haverá Futuro: Uma Radiografia Das Lições, Experiências E Demandas Deste início do Século 21 [Textos]** - São Paulo: Moderna, 2019.

RIOLFI, Claudia... [et, al.] - **Ensino da língua Portuguesa.** (coleção ideias em ação)
Coordenadora. Ana Maria Pessoa de Carvalho: São Paulo: Cengage Learning, 2014.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento.** 7ª edição. São Paulo: Contexto, 2018.

SCHWARTZ, Suzana. **Motivação Para Ensinar e Aprender: Teoria e Prática-** Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

ZIRIMRING, Fred. **Carl Rogers.** Tradução e organização: Marco Antônio Lorieri. Recife. Fundação Joaquim Nabuco, editora. Massangana, Coleção educadores, 2010.



Como citar este artigo (Formato ABNT):

SOUSA, Ana Alice Rodrigues de; MIGUEL, Joelson Rodrigues. Postura do Professor e Atuação Didática para uma Aprendizagem Significativa. **Id on Line Rev.Mult. Psic.**, Maio/2020, vol.14, n.50, p. 592-605. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 19/04/2020;

Aceito: 24/04/2020